

## Prefácio

Raymundo Nina Rodrigues

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

RODRIGUES, RN. *Os africanos no Brasil* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. pp. 2-7. Prefácio. ISBN: 978-85-7982-010-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## PREFÁCIO

Este livro é como o tesouro dos Niebelungen, guardado por Fafnir: trazia a desgraça àquele que consigo o retivesse.

Bem adiantada já estava a sua impressão na Bahia, à pág. 280, quase ao fim do sétimo capítulo de um volume em 8º grande, quando, em 1906, o seu preclaro autor morreu inopinadamente em Paris. Se bem que doentio, Nina Rodrigues se finou a bem dizer de repente.

O mestre, porém, deixara escola e discípulos. Um destes, e dos mais ilustres, Oscar Freire, chamou a si a tarefa de entregar ao público a obra interrompida. Foram-lhe confiados os capítulos impressos, originais, notas, vasta documentação fotográfica.

Discípulo por nossa parte de Oscar Freire, seu amigo que muito lhe queria, frequentando-lhe a casa, nela conhecemos todo esse vasto material, naquela confusão e desordem, que dominavam o gabinete do jovem e malgrado professor.

Depois, Oscar Freire se transferiu para São Paulo e consigo carregou todo esse depósito. Sobreveio a morte ainda mais inesperada de Oscar Freire.

Às mãos da viúva de Nina Rodrigues voltou parte daquele material, a que acompanhava esta nota do próprio punho de Oscar Freire: “Nina Rodrigues, quando a morte o surpreendeu, condensava num valioso livro – O PROBLEMA DA RAÇA NEGRA NA AMÉRICA PORTUGUESA – os notáveis estudos que vinha fazendo a respeito havia quinze anos (1890-1905). Eu conhecia o plano da obra, os pormenores de alguns capítulos, o material de outros, e sobre o estudo de certas questões conversara o mestre muitas vezes comigo. Sabia o trabalho muito adiantado. Na qualidade de seu sucessor na Faculdade da Bahia, julguei um serviço de letras pátrias encarregar-me de organizar os últimos originais e publicar a obra. O meu pedido à Exma. viúva do meu mestre foi deferido. Vieram-me os originais, as notas e as provas já impressas”.

Aquilo a que Oscar Freire chamava provas eram os cadernos definitivamente impressos do livro, que, como acima dissemos, já alcançavam até a pág. 280.

Dezessete anos esteve em poder de Oscar Freire o trabalho de Nina Rodrigues, e mais a sua documentação complementar.

Entretanto, a sua morte ainda foi levada à conta dos maus fados da obra interrompida.

Nunca mais, porém, ouvíramos falar no livro que se dizia fatídico.

Um dia, na Câmara dos Deputados, um dos quais era Basílio de Magalhães, escutamos a este, a propósito dos contos de KIBUNGO, uma alusão ao trabalho do grande professor baiano.

A esse tempo já residia aqui no Rio a viúva Nina Rodrigues, e por seu intermédio procuramos saber do paradeiro do livro em apreço.

E então nos foi confiado o material desfalcado que lhe voltara às mãos.

Depois, numa das nossas viagens à Bahia, em férias parlamentares, fomos descobrir na Libro-Tipografia Almeida todas as restantes folhas impressas que trouxemos para o Rio. Aqui, vimos que não era igual o número de cada um dos cadernos, de maneira que, tomando por medida o caderno que continha menor número de exemplares, organizamos vários volumes, a alguns dos quais colocamos um falso frontispício deste teor: DR. NINA RODRIGUES – O PROBLEMA DA RAÇA NEGRA – NA AMÉRICA PORTUGUESA – BAHIA LIBRO-TIPOGRAFIA ALMEIDA – 15 RUA DOS ALGIBEBES – 1905.

O livro assim constituído ia até a pág. 280, faltando-lhe as páginas 153, 154, 155 e 156, que compreendiam um vocabulário de cinco línguas africanas.

A vários intelectuais fizemos presente desses exemplares, e sobre um deles foi que o Sr. João Ribeiro escreveu -no JORNAL DO BRASIL um artigo a respeito de Nina Rodrigues.

Mais tarde, em 1931, voltamos à Bahia. E, de pesquisa em pesquisa, fomos à Faculdade de Medicina. Nesta, solicitamos a cooperação do atual proprietário da cadeira de Medicina Legal. Na Faculdade está o INSTITUTO NINA RODRIGUES, onde deveria haver papéis do eminente cientista patricio. De fato, lá estava uma pasta de originais seus, e, entre eles, foi com alvoroço que descobrimos, em parte já em provas, o vocabulário das cinco

línguas africanas, o final do capítulo sétimo deste livro também já em provas, e o seguinte capítulo oitavo ainda manuscrito, – material todo este sem nenhuma conexão com o restante que lá se achava, e que só um conhecedor das páginas impressas do livro o poderia relacionar com ele. Felizmente, o Dr. Estácio de Lima pôs para logo à nossa disposição tudo que fora encontrado, e que recolhemos com a grande alegria de quem salva um trabalho precioso, impossível mais de se reconstituir ou refazer no Brasil, com a extinção dos negros africanos, que Nina Rodrigues ainda conheceu, estudando-os fundamentalmente sob todos os aspectos, dentro de quinze dilatados anos.

E, achando na pasta do INSTITUTO da Bahia o frontispício e o próprio índice do livro, tudo por letra de Nina Rodrigues, – verificamos que a obra tinha um título comum – O PROBLEMA DA RAÇA NEGRA NA AMÉRICA PORTUGUESA, e que seria em vários volumes, sendo o primeiro denominado – OS AFRICANOS NO BRASIL, o qual é justamente o trabalho que o leitor tem em mãos.

Parece, porém, que ao capítulo oitavo falta alguma coisa que o remate, – apesar de, no espólio de Nina Rodrigues, haver dele dois manuscritos – um, com a versão primitiva, e outro, cópia do primeiro.

À pág. 186 deste livro, no quarto parágrafo do capítulo quinto, intitulado – SOBREVIVÊNCIAS AFRICANAS, escreveu Nina Rodrigues:

Língua, religião, festas e tradições, folclore, etc., dos colonos pretos do Brasil, tais manifestações serão sucessivamente examinadas, com mais ou menos amplitude, consoante as forças dos tratadistas nos capítulos seguintes, a que porá termo ou um fecho, curto ensaio sobre a criminalidade negra, onde se descobrirá ensejo para ligeira excursão nos domínios dos conceitos de moral e de justiça dos povos pretos, introduzidos no Brasil pelo tráfico.

Ainda no espólio do INSTITUTO baiano havia um ensaio sob o título – A SOBREVIVÊNCIA PSÍQUICA NA CRIMINALIDADE DOS NEGROS NO BRASIL. São quatro folhas de papel almaço, escritas em toda a largura, de um estudo incompleto, que assim termina: “É, porém, dos sentimentos e das práticas religiosas dos negros que provieram para o”... E aqui se interrompe e suspende o manuscrito, que pomos como o derradeiro capítulo desta obra, transcrevendo-o até o último período, que imediatamente antecede aquela

frase truncada. Ao menos assim salvamos o pensamento e as ideias capitais do mestre, e ficamos a saber qual a sua orientação neste sentido. Aliás, esta poderia ser reconstituída quase que com as próprias palavras de Nina Rodrigues, através dos seus livros e das suas memórias, especialmente de L'ANIMISME FETICHISTE DES NÈGRES DE BAHIA, METISSAGE, DÉGÉNÉRESCENCE ET CRIME, ATAVISME PSYCHIQUE ET PARANOIA e LA PARANOIA CHES LÊS NÈGRES. Em nota à INTRODUÇÃO desta obra, revela Nina Rodrigues que estava também trabalhando numa. memória – LA DÉGÉNÉRESCENCE PSYCHIQUE ET MENTALE CHEZ LES PEUPLES MÉTIS DES PAYS CHAUDS, e da qual, desgraçadamente, não achamos vestígio. Seria mais um elemento de estudo sobre tão curioso assunto.

Há vinte e seis anos que esta obra se começou a imprimir, para não mais se lhe tocar, permanecendo assim longamente trancada e interrompida pela superstição e pela morte.

Ninguém lhe queria pôr as mãos, com receio dos seus nefastos sortilégios.

Durante esse decurso de tempo, principalmente sobre a África, sobre os negros, se escreveu toda uma vasta biblioteca. Viajantes, cientistas, naturalistas, exploradores, estudiosos de toda a ordem se embrenharam pelo continente negro, donde trouxeram revelações surpreendentes. Refizeram-se os antigos conceitos de antropologia e etnografia. A questão da desigualdade das raças foi vista a uma luz diferente. O negro reabilitou-se. Com as hipóteses e as investigações originais de Frobenius, trinta anos de labor tenacíssimo e ininterrupto, – se verificou para a parte da África hoje barbarizada, principalmente o Congo e o Sudão, a existência histórica de antiga e apreciável cultura.

Não podemos hoje, com Pearson, sancionar a nossa negralização, nem, com Lapouge, conceber o Brasil como uma nação de pretos.

As conclusões de Nina Rodrigues, já anunciadas nas RAÇAS HUMANAS E A RESPONSABILIDADE PENAIAS NO BRASIL, são por demais pessimistas, e aqui ainda ressaltam das páginas finais da INTRODUÇÃO. Não seria leal, a tantos anos de distância, discutir agora as consequências a que chegou o mais notável frequentador dos estudos sobre o negro no Brasil.

Sejam quais forem os resultados que hajam firmado os grandes antropologistas atuais, – Papillault, Bunak, Dixon, Stolywho, Tchepurkowski, Czekanowski e tantos outros, – a verdade é que, sobretudo sob o ponto de vista objetivo, são insubstituíveis e indispensáveis as revelações de Nina Rodrigues, que, com longa paciência de beneditino, apreciável agudeza de espírito, forte independência mental, perfeita probidade de espírito e sério domínio da correlata ciência do seu tempo, – proveitosa e carinhosamente estudou os últimos africanos no Brasil.

E o livro, que hoje se publica, é a síntese dessas pacientes, demoradas e graves investigações científicas.

Rio, Ipanema, 18 de janeiro de 1933.

HOMERO PIRES.

É uma vergonha para a ciência no Brasil que nada tenhamos consagrado de nossos trabalhos ao estudo das línguas e religiões africanas.

Quando vemos homens, como Bleek, refugiarem-se dezenas e dezenas de anos nos centros da África somente para estudar uma língua e coligir uns mitos, nós que temos o material em casa, que temos a África em nossas cozinhas, como a América em nossas selvas, e a Europa em nossos salões, nada havemos produzido nesse sentido! É uma desgraça.

Bem como os portugueses estanciaram dois séculos na Índia e nada ali descobriram de extraordinário para a ciência, deixando aos ingleses a glória da revelação do sânscrito e dos livros bramínicos, tal nós vamos levemente deixando morrer os nossos negros da Costa como inúteis, e iremos deixar a outros o estudo de tantos dialetos africanos, que se falam em nossas senzalas! O negro não é só uma máquina econômica; ele é antes de tudo, e mau grado sua ignorância, um objeto de ciência.

Apressem-se os especialistas, visto que os pobres moçambiques, benguelas, monjolos, congos, cabindas, caçangas... vão morrendo. O melhor ensejo, pode-se dizer, está passado com a benéfica extinção do tráfico. Apressem-se, porém, senão terão de perdê-lo de todo.

Sílvio Romero, “Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil”, Rio, 1888, págs. 10 e 11.